Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1007
ESTUDOS BÍBLICOS

Ez 25,15-17 e a aplicação da *lex talionis* aos filisteus

Ez 25:15-17 and the application of the lex talionis *to the Philistines*

Leonardo Agostini Fernandes*

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma e Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
laf2007@puc-rio.br

Recebido em: 02/05/2024
Aprovado em: 13/09/2024

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0

Resumo

Oráculos de condenação, voltados para os gentios, são comuns nos escritos proféticos. São entendidos, geralmente, em função dos desígnios salvíficos de YHWH a favor de Israel, constituído nação santa e reino de sacerdotes (Ex 19,5-6). Contudo, a visão universalista do domínio de YHWH ofereceria uma linha de interpretação mais condizente e abrangente sobre esses oráculos. Por este prisma, se procedeu com a verificação da aplicação da *lex talionis* por YHWH, como *gō ʾēl*, contra os filisteus em Ez 25,15-17, a fim de se perceber os critérios e os argumentos que o profeta Ezequiel utilizou para revigorar a fé e a esperança depauperadas nos exilados. Ao texto foram aplicadas abordagens diacrônicas e sincrônicas. Por meio destas, foi possível constatar a boa qualidade do texto transmitido em hebraico, cotejado, em particular com a *Septuaginta* e a *Vulgata*, bem como delimitar, estruturar e classificar o texto quanto ao gênero literário. Tais procedimentos e seus resultados permitiram obter o possível sentido pretendido pelo profeta, verificando a pertinência da sua mensagem em consonância com a forma final do livro e com outros elementos narrados nos outros *corpora* da Bíblia Hebraica.

Palavras-chave: profeta Ezequiel, *lex talionis*, oráculo de condenação, domínio universal.

Abstract

Oracles of condemnation, aimed at Gentiles, are common in prophetic writings. They are gen-erally understood in terms of YHWH's salvific plans in favor of Israel, constituted as a holy nation and kingdom of priests (Ex 19,5-6). However, the universalist view of YHWH's do-minion would offer a more consistent and comprehensive line of interpretation regarding these oracles. From this perspective, we proceeded with verifying the application of the lex talionis by YHWH, such as gō'ēl against the Philistines in Ez 25,15-17, in order to understand the criteria and arguments that the prophet Ezekiel used to reinvigorate depleted faith and hope in exiles. Diachronic and synchronic approaches were applied to the text. Through these, it was possible to verify the good quality of the text transmitted in Hebrew, compared, in particular, with the Septuagint and the Vulgate, as well as delimiting, structuring and classifying the text according to literary genre. Such procedures and their results made it possible to obtain the possible meaning intended by the prophet, verifying the relevance

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

of his message in line with the final form of the book and with other elements narrated in other *corpora* of the Hebrew Bible.

Keywords: prophet Ezekiel, *lex talionis*, oracle of doom, universal domain.

1 Introdução

O tempo do exílio em Babilônia, iniciado em 597 a.C. (2Rs 24,8-17), também inaugurou o tempo da vocação e da missão de Ezequiel (593-571 a.C.). A catastrófica destruição de Jerusalém em 586 a.C. (2Rs 25,1-21) fez decair a esperança da libertação, colocou em crise a aliança sinaítica e parecia que o povo eleito seria cancelado da história.

Uma voz precisava surgir em meio ao caos, a fim de sustentar a fé em YHWH e nos seus propósitos, exatamente com base na aliança. Entre os remanescentes de Judá, Jeremias (Jr 31,31-34; 32,40-41), e entre os exilados, Ezequiel (Ez 16,60-63; 34,23-31; 37,26-28). Ambos de estirpe sacerdotal. Ezequiel, porém, filho de Buzi, pertencia ao clero de Jerusalém (Asurmendi, 1985).

Como um todo, o livro do profeta Ezequiel parece disposto em uma estrutura concêntrica: A: Mensagens contra Israel por sua rebeldia (Ez 1–24); B: Oráculos contra as nações (Ez 25–32); A': Mensagens de restauração do povo eleito (Ez 33–48). Essa organização reflete uma acurada elaboração literária pós exílica (Eichrodt, 2001).

As divinas promessas aos patriarcas deram a Ezequiel a convicção da irrevogabilidade da eleição de Israel, pois YHWH é fiel à sua palavra. Sobre essa base, o profeta foi o primeiro a ser revigorado interiormente para poder apresentar a restauração futura como possibilidade aos exilados. Tal dinâmica explicaria o juízo de YHWH recaindo sobre os tradicionais inimigos de Judá, dentre os quais se encontravam os filisteus, objeto deste estudo exegético-teológico.

YHWH, Deus de Israel e Judá, tem um olhar universal para as vicissitudes de todos os povos, em particular, quando as relações se tornavam violentas ao extremo. Por isso, YHWH não deixava passar em silêncio o que acontecia ao povo que escolheu e fez sua particular propriedade, bem como não abria mão das responsabilidades que lhe cabiam diante do seu Deus e dos demais povos.

Assim, o juízo sobre as nações alarga o juízo sobre o povo de Deus. A infidelidade à aliança, sinal de desconhecimento de YHWH e de suas ações, como exemplificado no livro de Juízes (Jz 2,10-23), não apenas se tornou constante, mas se intensificou durante a monarquia (Jr 36) e os litígios violentos com os povos circunvizinhos só aumentaram.

A possibilidade de restauração requer a sincera conversão e para incitá-la, Ezequiel, seguindo a tradição profética que o precedeu (Am 1,3–2,3; Is 13–23), ou lhe era concomitante (Jr 46–51), anunciou o castigo das nações, porque, como Israel, todos praticaram grandes injustiças, violando o sagrado direito à vida, base fundamental da aliança.[1]

O presente artigo propõe, após essa introdução, a tradução do texto hebraico, seguido de notas de crítica textual (2º tópico), apresenta-se a delimitação, a estrutura e o

[1] Oseias e Ezequiel, para falar da aliança, fizeram uso da união matrimonial entre YHWH e o seu povo (Os 1–3; Ez 16). Assim, exprimiram e evidenciaram a profunda continuidade entre o amor esponsal humano, apesar da queda (Gn 2,4–3,24), e o amor de YHWH pelo seu povo, apesar da infidelidade (Ez 16,1-43). A conversão, porém, é possível enquanto fruto da ação de YHWH que concede, ao seu povo, um novo coração, isto é, uma nova mentalidade ou conhecimento que determina o comportamento condizente com a sua vontade. YHWH restaura a sua glória, restaurando o seu povo e provendo que a terra oferte o necessário (Ez 36).

gênero literário (3º tópico), para aviar o comentário ao texto (4º tópico). Considerações finais encerram o estudo. Foram usadas abordagens diacrônicas e sincrônicas, visando alcançar o provável sentido pretendido pelo profeta, permitindo uma melhor compreensão de Ez 25,15-17.

2 Texto hebraico, tradução e elementos de crítica textual[2]

Assim disse o meu Senhor YHWH:	15a	כֹּה אָמַר אֲדֹנָי יְהוִה
"Visto que os filisteus agiram com vingança,	15b	יַעַן עֲשׂוֹת פְּלִשְׁתִּים בִּנְקָמָה
e se vingaram extremamente com desprezo vital,	15c	וַיִּנָּקְמוּ נָקָם בִּשְׁאָט בְּנָפֶשׁ
para destruir um inimigo eternamente";	15d	לְמַשְׁחֵית אֵיבַת עוֹלָם:
por isso, assim disse o meu Senhor YHWH:	16a	לָכֵן כֹּה אָמַר אֲדֹנָי יְהוִה
"Eis que estenderei minha mão contra os filisteus	16b	הִנְנִי נוֹטֶה יָדִי עַל־פְּלִשְׁתִּים
e deceparei os cereteus,	16c	וְהִכְרַתִּי אֶת־כְּרֵתִים
e aniquilarei o remanescente da costa do mar.	16d	וְהַאֲבַדְתִּי אֶת־שְׁאֵרִית חוֹף הַיָּם:
Farei contra eles grandes vinganças, com reprovações iradas,	17a 17aα	וְעָשִׂיתִי בָם נְקָמוֹת גְּדֹלוֹת בְּתוֹכְחוֹת חֵמָה
e saberão que eu sou YHWH,	17b	וְיָדְעוּ כִּי־אֲנִי יְהוָה
quando darei minha vingança contra eles".	17c	בְּתִתִּי אֶת־נִקְמָתִי בָם: ס

No segmento 15a, o Texto Massorético possui uma lição maior que a *Septuaginta*, considerada original, pois esta não traz a formulação: "o meu Senhor" (אֲדֹנָי). No aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, conjectura-se que seria uma adição, pelo critério de que a lição menor deve ser preferida à lição maior. Algo que não condiz com a transmissão hebraica, visto que a locução, "o meu Senhor YHWH" (אֲדֹנָי יְהוִה), é recorrente nos oráculos atribuídos a Ezequiel, tornando-a uma peculiaridade da sua atividade profética presente no livro. A favor da lição do TM^L está a lição da *Vulgata* que não seguiu a *Septuaginta* e traz a locução *Dominus Deus*.

No segmento 15b, a *Septuaginta* não fez referência aos "filisteus" (Φυλιστιμ)[3], mas optou por "estrangeiros" (ἀλλόφυλοι). Assim ocorreu nas demais citações (Ez 16,27.57;

[2] Tradução feita a partir do Texto Massorético Leningradense, reproduzido na BHS (Elliger; Rudolph, 1977, p. 941-942), cotejado com as versões latina (*Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem* [Gryson, 2011, p. 1302]), e grega (*Septuaginta* [Rahlfs, 1935, p. 815]).

[3] O nome "filisteus" só ocorre 24 vezes na *Septuaginta* (Gn 10,14; 21,32.34; 26,1.14.15.18; Ex 13,17; 15,14; 23,31; Js 13,2.3.5 [este ausente no TM^L]; Jz 10,6.7.11; 13,1.5; 14,2; 1Mac 3,24;

25,16). A opção na versão grega reduz a identificação étnica e amplia o alcance da concepção, visto que os judeus da diáspora estavam em contato com vários povos fora da Palestina, fazendo deles os estrangeiros.

Na sequência, há uma leitura diferente em relação ao TM^{L}, pois a *Septuaginta* trouxe: "e eles suscitaram vingança, alegrando-se em sua alma por ter sido cancelado para sempre" (καὶ ἐξανέστησαν ἐκδίκησιν ἐπιχαίροντες ἐκ ψυχῆς τοῦ ἐξαλεῖψαι ἕως αἰῶνος). Deu-se, assim, uma nova interpretação para os segmentos 15cd. Tal procedimento da *Septuaginta* aparece apoiado pela *Peshitta* (*rḥmwt*), o que corresponderia ao infinito construto "amor de" (אַהֲבַת), formulação inexistente na Bíblia Hebraica. A opção por se ler "contra um inimigo" (בְּאֵיבַת), como se encontra no Targum do códice Reuchlinianus (*bdbbwt*) apenas torna a leitura mais fluente.

O mesmo problema do v. 15a ocorre no segmento 16a, mas, além da *Septuaginta*, considerada original, há um manuscrito hebraico medieval que também não traz a locução "o meu Senhor YHWH" (אֲדֹנָי יְהוִה). A opção por deletá-la também não possui uma contundente justificativa, pois, de igual modo, a lição da *Vulgata* apoia a lição do TM^{L}.

No tocante ao segmento 17aα a *Septuaginta* não trouxe a informação ampliadora das ações de YHWH, "com reprovações iradas" (בְּתוֹכְחוֹת חֵמָה), talvez por escrúpulo teológico, a fim de não passar, para os gentios, uma imagem assaz negativa de YHWH, Deus de Israel.

3 Delimitação, estrutura e gênero literário

No texto hebraico, os massoretas colocaram uma *petûḥá'* após Ez 25,14 e uma *setûmá'* após Ez 25,17, estabelecendo uma demarcação que se confirma pela mudança de destinatários, respectivamente Edom (vv. 12-14) e os filisteus (vv. 15-17), e pelo conteúdo específico dos oráculos que foi dirigido a esses destinatários.

Há elementos comuns entre os dois oráculos, pois seguem estrutura semelhante: (a) Quem fala? YHWH através do seu profeta pelo uso da fórmula oracular (v. 12a.15a): "Assim disse o meu Senhor YHWH" (כֹּה אָמַר אֲדֹנָי יְהוִה); (b) O que se fala? São declarados os crimes cometidos por Edom (v. 12b) e pelos filisteus (v. 15b); (c) Justificativa da ação de YHWH (v. 13.16), sob a perspectiva da *lex talionis* em conformidade com a ação do "vingador de sangue – *gō'ēl*" (vv. 14.17); d) consequências que se seguirão às ações de YHWH (vv. 14c.17b).

Logo, pela forma e pelo conteúdo, Ez 25,15-17 é um oráculo de condenação dirigido aos filisteus. Dado singular: Ao sofrerem as consequências de seus crimes, os filisteus saberão quem é YHWH (v. 17b). Assim, YHWH, por seu agir, revela o seu ser (*agere sequitur esse*). De modo simples, sobressai a estrutura do oráculo aos filisteus (Block, 1998): (a) Destinatário (v. 15); (b) Anúncio de condenação (v. 16-17a); (c) Efeitos da ação de YHWH (v. 17bc).

Este procedimento de YHWH encontra a sua fundamentação no resumo da história de Jerusalém narrada de forma simbólica em Ez 16,1-63. Nessa, os filisteus foram citados. Na primeira vez no v. 27, dizendo que se enriqueceram por terem se aproveitado das circunstâncias desfavoráveis que se abateram sobre Judá por sua infidelidade a YHWH. Na

Ode 1,14; Sir 46,18; 47,7; 50,26), contrastando enormemente com as 290 vezes em que ocorre na Bíblia Hebraica (Eben-Shôshān, 2007, p. 946-947).

segunda vez, no v. 57, ao dizer que Jerusalém se tornou o motivo de escárnio para Edom e para os filisteus.

Assim, ao que tudo indica, a "vingança" de YHWH contra os filisteus, aplicando sobre estes a *lex talionis*, deveu-se às suas ações desmedidas, pois procuraram eliminar Judá-Jerusalém com "desprezo vital" (v. 15c), dando fundamentação para se falar de YHWH como *gō'ēl* do seu povo. Estrutura, conteúdo e forma, portanto, permitem classificar o texto como um oráculo de condenação dirigido aos filisteus, sem que haja uma possibilidade de revogação da sentença.

4 Comentário

O uso da fórmula do mensageiro (v. 15a), concede à fala do profeta Ezequiel a garantia da proveniência divina do oráculo. Isto autoriza a fala, torna a mensagem autorizada, e a reveste de grande significado (Westermann, 1991). O profeta, porém, é apenas um embaixador da Palavra de YHWH para quem o oráculo é primeiramente dirigido.

Três elementos integram a fórmula, segundo a lógica da língua hebraica: "o verbo, o sujeito e o destinatário" (Bretón, 1987, p. 73), mas o uso do reforçativo, explicitando YHWH, a quem o profeta serve: "meu Senhor" (אֲדֹנָי), é comum no livro de Ezequiel[4]. Por isso, inexistiria a possibilidade de omissão ou recusa do profeta às ordens recebidas de YHWH, sem que sofresse consequências (Ez 3,16-19;33,1-9). Teve que suportar, inclusive, a perda da esposa querida e a possibilidade de externar o luto devido, servindo de pressagio para a profanação que YHWH decidira fazer ao seu santuário (Ez 24,15-27).

Os destinatários são citados dentro da explicação que fundamenta a palavra dirigida. O uso da partícula יַעַן introduz o motivo da ação desfavorável. Nesse sentido, a função da fórmula é respaldar a mensagem dirigida pelo profeta, em nome de YHWH, para os filisteus. Não foi feito em tom exortativo, mas anúncio direto de severa punição, sem que haja, para os filisteus, alguma possibilidade de arrependimento que lhes permitisse escapar da eliminação anunciada[5].

À fórmula segue-se a acusação pautada em três ações. Na primeira (v. 15b) e na segunda (v. 15c), declara-se a violência que foi praticada pelos filisteus, para, na terceira (v. 15d), evidenciar o objetivo nefasto e extremamente cruel que pretenderam alcançar: "para destruir um inimigo eternamente" (v. 15d). Algo que corresponderia ao extermínio movido por antigos rancores e rivalidades entre Israel e os filisteus.

Dado singular encontra-se no fato de que o profeta Ezequiel não entregou esse oráculo diretamente aos filisteus, mas, pelo contexto e índole do livro, foi proferido aos judeus que com ele estavam na diáspora, para que soubessem que YHWH não deixaria impune a

[4] A fórmula ocorre 126 vezes no livro de Ezequiel (Eben-Shôshān, 2007, p. 521) e, a título de exemplo, aparece seja no início (Ez 3,11; 5,5; 6,3), seja no final de um oráculo (Ez 2,4).

[5] Ao contrário do que ocorreu com o profeta Jonas após ter declarado a destruição de Nínive dentro do prazo de quarenta dias (Jn 3,4). Visto que houve conversão de todo o povo, do maior ao menor, ação incitada pelo próprio rei (Jn 3,5-9), YHWH desistiu da sentença (Jn 3,10), movido de compaixão (Jn 4,2 conforme Ex 34,6-7) por um povo que não sabia a distinção entre o bem e o mal (Jn 4,11). O Sl 87 exalta a maternidade de Sião, monte para o qual convergirão as nações para adorar YHWH, o dominador sobre o mundo. Dentre essas nações se encontram os filisteus (v. 4). A possível conversão assemelha-se a um renascimento espiritual (Lorenzin, 2000).

maldade praticada pelos filisteus. Se isto vale para as nações, quanto mais valeria para o povo eleito exilado ou remanescente em Canaã.

Por que os filisteus quiseram se vingar de Judá-Jerusalém? Motivos "distantes" não faltariam, como os que se encontram na história de Sansão (Jz 13–16), nos conflitos pelo domínio de territórios nos tempos de Samuel, quando, por conta dos dois filhos de Eli, Hofni e Fineias, os filhos de Israel perderam a arca da aliança para os filisteus, o que trouxe para estes grandes males (1Sm 4,1-11; 5,1–7,15), bem como os conflitos que ocuparam grande parte dos conflitos durante o reinado de Saul (1Sm 13,1–14,52)[6], e que, diretamente, envolveu os inícios de Davi na corte do primeiro monarca de Israel (1Sm 17,1–18,30).

Ao fugir de Saul e temendo por sua vida, Davi se aliou aos filisteus e gozou de grande estima entre eles (1Sm 27,1-12). Por ocasião de nova guerra contra Saul, Davi foi nomeado chefe da guarda pessoal de Aquis (1Sm 28,1-2), mas foi dispensado devido à desconfiança dos demais príncipes dos filisteus, baseado na lembrança da derrota de Golias (1Sm 29,1-11). Após a morte de Saul e de Jonatas pelas mãos dos filisteus, Davi começou a reinar em Judá, vindo a enfrentar, vencer e submeter os filisteus (2Sm 5,17-25; 8,1-8). Em narrativas suplementares, foram lembrados os feitos heroicos de Davi contra os filisteus (2Sm 21,15-22; 23,9-16).

Durante o regime monárquico, as guerras entre filisteus e israelitas continuaram, tanto com reis do Israel norte (1Rs 15,27; 16,15), como, segundo o cronista, com reis de Judá (1Cr 17,11; 21,16; 26,6-7; 28,18). Ao que tudo indica, o rei Ezequias teria infringido uma derrota aos filisteus, conquistando Acaron (2Rs 18,8). Mas, não há como se determinar um fato concreto para os filisteus buscarem se vingar com tanto ódio de Judá-Jerusalém (Greenberg, 1997). Bastariam, talvez, as notícias que se encontram nos textos proféticos mais próximos do século VII a.C. e que aludem às rivalidades entre Judá-Jerusalém e os filisteus (Is 14,28-32; 9,1; Jr 25,20; 47,1-7; Sf 2,5).

Tanto no tempo de Sargão II, quando invadiu e destruiu Samaria em 722 a.C. (2Rs 17,5-6), quanto no tempo de Nabuconosor, quando invadiu e destruiu Jerusalém em 586 a.C. (2Rs 25,1-7), os filisteus estiveram submetidos ao poderio dominante. Contudo, não participaram da coalisão antibabilônica de Sedecias (Jr 27), mas se aproveitaram da situação (Roberts, 1991; Greenberg, 1997). Como são mencionados logo após o oráculo dirigido a Edom (Ez 25,12-14), é possível pensar que os filisteus tenham tirado proveito do momento, junto a Edom, enquanto os babilônios reprimiam revoltas em Jerusalém (Eichrodt, 2001).

A aversão mais contundente aos filisteus encontra-se em Am 1,6-8, por terem traficado populações inteiras para Edom, vendidas como escravos, razão pela qual YHWH decidiu destruir Gaza, Azoto, Ascalon e Acaron.[7] Sentença semelhante também se

[6] Apesar de terem sido derrotados pelo Egito no século XII aC, ondas de filisteus continuaram chegando à terra de Canaã, o que os levou a buscar ocupar territórios montanhosos, pois tinham grande vantagem em relação aos filhos de Israel, visto que dominavam a arte da fundição do ferro e, segundo 1Sm 13,19-22, mantiveram o monopólio sobre essa arte (Liverani, 2003; Mazzinghi, 2017).

[7] Apesar de o profeta Amós ter atuado no século VIII aC, o oráculo contra os filisteus em Am 1,6-8, dentro do contexto de Am 1,3–2,5 que prepara os oráculos contra Israel, poderia ser uma atualização judaíta na elaboração deuteronomista do texto final (Soggin, 1982; Simian-Yofre, 2002). "A confederação filisteia da Pentápolis (Azoto, Ascalon, Acaron, Gat, Gaza), cada uma delas governada por um *seren*, era mais rigorosamente organizada do que qualquer outro grupo

encontra em Jl 4,4-8 sob a perspectiva da *lex talionis* ser aplicada contra Tiro, Sidônia e os distritos dos filisteus caso procedessem com violência contra YHWH e o seu povo. O que em Jl 4,4-8 está como possibilidade, em Ez 25,15-17 está como decisão, dando a entender que a maldade foi praticada pelos filisteus, o que levou YHWH concretizar a ameaça anunciada pelos dois profetas.

Chama a atenção, nos segmentos 15bc, a tríplice recorrência da raiz נקם que, na sua base, comporta um sentido jurídico: pune-se uma injustiça praticada com uma ação compensatória no mesmo nível (*lex talionis*). Essa ação, concebida como castigo, é aceita como justa por causa da violação do direito, tanto por omissão como por faltas cometidas contra a legislação vigente, a fim de devolver o equilíbrio entre as partes litigantes ou em conflito.

Deste modo, a raiz נקם conota a medida legal a ser tomada contra indivíduos ou povos que excederam nas ações bélicas ou nos litígios, como no caso do homicídio voluntário (Nm 35,16-20), dando ao *gō'ēl* o direito de vingar o sangue do parente assassinado.

Tal noção está na base de Gn 4,15.24 e de Ex 21,12-25. Na maioria dos casos, a vingança não era individual, mas mirava um enfrentamento coletivo contra os inimigos (Nm 31,2; Js 10,13; 1Sm 14,24; 18,25; Jr 50,15; Ez 25,12.15; Est 8,13; Lm 3,60). Nota-se, por esses textos, que não é fácil separar o sentido profano do religioso, pois a possibilidade da vingança humana, segundo a narrativa bíblica, passa pela autorização ou consentimento divino (Sauer, 1985).

No v. 15, além do tríplice uso da raiz נקם revelar que os filisteus excederam na ação, a formulação, "com desprezo vital" ou ainda "com desprezo pela/contra a vida" (בְּשָׁאָט בְּנָפֶשׁ), e o objetivo pretendido, "para destruir um inimigo eternamente" (לְמַשְׁחִית אֵיבַת עוֹלָם), atestam a intensidade da maldade praticada. Pode-se pensar que a revanche de YHWH, *gō'ēl* do seu povo, como se declarara para Caim, segue a lógica da promessa feita a Abrão: "abençoarei quem te abençoar; amaldiçoarei quem te amaldiçoar" (Gn 12,3); promessa que foi além, quando YHWH afirmou que a descendência de Abraão conquistaria as cidades dos seus inimigos (Gn 22,17).

O uso da locução לָכֵן ("por isso"), seguida da nova fórmula do mensageiro (v. 16a), além de fazer a transição entre o motivo declarado no v. 15 e o anúncio do que YHWH executará (vv. 16b-17), endossa a perspectiva do extermínio na linha da *lex talionis*. Como não há, no meio do povo, alguém que possa despontar como *gō'ēl*, o próprio YHWH é quem o fará.

Assim, o desejo dos filisteus de exterminar Judá-Jerusalém atingiu o mesmo patamar pretendido pelo faraó contra os filhos de Israel, justificando a intervenção divina com igual proporção (Ex 1,15-22; 11,1-10; 12,29-34). A ação de estender a mão contra os filisteus, evoca a forma como YHWH libertou os filhos de Israel do Egito: "com mão forte e braço estendido" (Dt 4,34; Sl 136,12).

A citação explícita aos "cereteus" (כְּרֵתִים), cujo nome poderia indicar a origem ou o lugar onde um grupo de filisteus estaria instalado em Canaã (1Sm 30,14)[8], revela

palestinense do período, e a hegemonia filisteia durou de cerca de 1150 a 1000 a.C., quando a monarquia israelita foi unificada por Davi" (McKenzie, 1984, p. 356).

[8] Os cereteus, juntamente com os peleteus (provável variante de filisteus), atuaram como mercenários junto do exército de Davi, comandado por Joab (2Sm 8,18; 15,18; 20,7.23), e continuaram sob o reinado de Salomão (1Rs 1,38.44). A possível ligação dos cereteus com os cretenses, fez pensar que os filisteus fossem provenientes de Kaphtor (Gn 10,14; Dt 2,23; Am 9,7; Jr 47,4;

assonância com a ação causativa "deceparei" (הִכְרַתִּי), pois em ambas as palavras se encontra a raiz כרת. A ação de YHWH, portanto, parece ser de cunho sacrificial e, novamente, faz lembrar a aliança com Abraão (Gn 15,18), e a eliminação dos incircuncisos (Gn 17,14); exatamente como os filisteus eram considerados, o que motivou a prova que Saul propôs para que Davi pudesse ter a mão de Micol. Na verdade, era uma armadilha para eliminar Davi (1Sm 18,25-30). A ameaça de YHWH, com o mesmo tom de aniquilação contra os cereteus, encontra-se em Sf 2,5.

Tudo somado, o fato de Israel nunca ter dominado o litoral e, em contínuas incursões inimigas, ter visto os filisteus agirem contra ele e exercerem uma forte pressão sobre a região, seria mais do que suficiente para alimentar contendas e ferrenhas rivalidades[9].

A linguagem pesada do v. 17 aponta para o direito de YHWH agir em conformidade com os crimes que foram praticados pelos filisteus (*lex talionis*). Somente YHWH pode restabelecer a justiça e o direito violados. Não se trata de uma revanche déspota e irracional, como é comum acontecer entre os seres humanos, mas é o indício da justiça divina que faz com que o indivíduo ou povo, como um todo, experimente as consequências das suas próprias ações.

Não parece adequado pensar que a ação punitiva de YHWH seria direta, por não serem mencionados agentes humanos, como cogita Abrego (2011). Sabe-se que a Siria-Palestina, desde a batalha de Carquemis em 605 a.C. contra Necao II, já estava sob o domínio de Babilônia. Ezequiel, ao que tudo indica, entreviu que os filisteus, também alvo desse novo poderio universal, tiveram as suas perdas. Nabucodonosor recusou a oferta de tributo e devastou a cidade de Ascalon, exilando, igualmente, seu rei. Talvez, aqui, estivesse um dos motivos para os filisteus se aproveitarem, como Edom, por ocasião da destruição de Jerusalém[10]. Para Ezequiel, a violência de Edom e dos filisteus contra os habitantes de Jerusalém foram concebidas como feitas ao próprio YHWH, por terem insultado a sua divina majestade (Savoca, 1992; Greenberg, 1997).

Não há no livro do profeta Ezequiel algum oráculo contra Babilônia (Joyce, 2009). Por certo, não se trata de uma aprovação do que fez a Judá-Jerusalém, mas do reconhecimento do domínio universal de YHWH, que "quer que todo o mundo esteja submetido ao rei de Babel e, por isso, confiou-lhe a execução do juízo sobre as diversas nações" (Monari, 1992, p. 85).

Através de Babilônia, a glória de YHWH se manifestou sobre os demais povos numa proporção ainda não assistida (Ez 21,23-29). Assim, ações nefastas, previstas para

Sf 2,5), isto é, de Creta (Prignaud, 1964; Delcor, 1978; Roberts, 1991; Alonso Schökel; Sicre Diaz, 1991). Outrossim, 1Cr 1,12 dá a entender que os filisteus também derivassem dos caslu-hitas.

9 A ligação dos filisteus com Canaã, razão pela qual inclusive, derivou o nome Palestina, sugeriria que o maior motivo da hostilidade residiria no fato de estarem ocupando a faixa litorânea, detendo uma rota comercial importante, bem como terem se consolidado em cinco cidades. Ao lado disso, se a tradição das reformas empreendidas por Josias for considerada (2Rs 23), eliminar ou expulsar os filisteus teria se tornado uma motivação, a fim de não ver, segundo o deuteronomista, a própria fé subvertida diante de incircuncisos (Roberts, 1991).

10 Ecos dessa profecia poderiam estar na base de 1Mc 5,63-68 que evoca uma vitória de Judas Macabeu e de seus irmãos sobre a Idumeia, território edomita ocupado entre Hebron e o Negeb, e sobre os filisteus de Azoto, a Asdod dos tempos de Josué (Js 11,22; 13,2), considerada importante por seu templo dedicado a Dagon (1Mc 10,8.30).

acontecerem sobre os povos, permitiriam compreender a grandeza, a soberania e a majestade universal de YHWH.

Embora os exilados estivessem debaixo de vergonha e sofrimento, um tal anúncio de punição contra os povos circunvizinhos poderia incutir um novo ânimo e trazer, junto com a renovação da esperança, a desejada conversão dos exilados (Block, 1998), aprendendo que a justa retribuição só caberia, de fato, a YHWH, cujo senhorio é universal.

O propósito da ação de YHWH não foi, então, a de incutir, nos exilados, a esperança de um possível restabelecimento da monarquia judaíta, mas serviu para dar uma demonstração do seu domínio sobre todos os povos, revelando que YHWH é quem detém o controle universal sobre os rumos da história (Odell, 2005).

Sob essa perspectiva, Ezequiel se empenhou em demonstrar que a desgraça, que se abateu sobre Judá-Jerusalém, não foi causada pelas superpotências da época, Egito, Assíria e Babilônia; tampouco pelo sucesso econômico de Tiro e Sidônia; ou ainda resultou da rivalidade das nações e povos circunvizinhos, Edom, Moab, Amon e filisteus.

De igual modo, nem toda a culpa pode recair sobre a incapacidade de seus líderes. Israel e Judá, como um todo, foram responsabilizados com base na aliança violada, gerando egoísmo e inúmeras injustiças sociais, razões suficientes para o falimento do comportamento ético, político e religioso do povo eleito (Sicre, 2011).

5 Considerações finais

O oráculo de condenação proferido contra os filisteus em Ez 25,15-17, dentro do bloco de oráculos contra os povos circunvizinhos a Israel (Ez 25,1–33,32), é uma atestação profética de que YHWH, o Deus da aliança, é o único que possui o domínio sobre todos os territórios para além da terra de Canaã, sua propriedade sagrada, por ter colocado nela o seu santo Nome.

YHWH, sendo o único e verdadeiro Deus, está atento ao que os seres humanos fazem, tanto individualmente como coletivamente. Vigia sobre as atividades dos povos, tribos, línguas e nações. Se permite que reinos ascendam e se tornem impérios, até ultrajando e danificando seu povo e outros povos por suas injustiças e infidelidades, não deixa sem a justa paga quem exceder na ação ou pisotear a honra do seu santo Nome colocado e carregado por Israel (Nm 6,24-27), povo que escolheu para ser um reino de sacerdotes e uma nação santa (Ex 19,5-6).

Pela fidelidade a si mesmo e à sua palavra, YHWH sempre preservou um resto de Israel (Ez 20), a fim de restaurá-lo (Ez 36), razões pelas quais atesta a sua existência, intervindo e demonstrando a sua onipotência misericordiosa por seus justos juízos. Assim, YHWH se revela Senhor da história não só de Israel, mas de todos os povos. Sob o seu domínio está o controle das vicissitudes das nações e, mesmo permitindo que devastem a sua terra dada a Israel, sabe como mostrar-lhes a sua divina soberania, a fim de que possam reconhecer a sua majestade.

Portanto, o profeta Ezequiel, em sua missão, deu a entender que o desígnio de YHWH manifestar ao mundo a sua grandeza, através dos descendentes de Jacó a todos os povos (Ex 3,8-14; Dt 7,6; Ez 20,5-7), continua válida e irrevogável. Ezequiel se alinhou com essa perspectiva e a declarou em seus discursos de cunho histórico e jurídico (Ez 16; 20), a fim de desenvolvê-lo, com riqueza de detalhes, nas palavras de renovação e de consolação (Ez 34–37). Assim, a reconstrução do templo de Jerusalém podia se tornar penhor

da aliança eterna, fonte da restauração das doze tribos que seriam realocadas em Canaã (Ez 40–48).

Referências

ABREGO, José María. *Ezequiel.* Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2011.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas II.* São Paulo: Paulinas, 1991.

ASURMENDI, Jesús María. *O profeta Ezequiel.* São Paulo: Paulinas, 1995.

BLOCK, Daniel I. *The Book of Ezekiel.* Chapters 25–48. Grand Rapids, Michigan; Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

BRETÓN, Santiago. *Vocación y Misión:* Formulario Profético. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 1987.

DELCOR, Mathias. Les Kerethim et les Crétois. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. 28, n. 4, p. 409-422, 1978.

EICHRODT, Walther. *Ezechiele (capitoli 1-14).* Brescia: Paideia Editrice, 2001.

EBEN-SHÔSĀN, 'Abrāhām. *A New Concordance of the Hebrew Bible.* Thesaurus of the language of the Bible Hebrew and Aramaic – Roots, Words, Proper Names, Phrases and Synonyms. Israel: Kiryat Sefer, 2007.

ELLIGER, Karl.; RUDOLPH, Wilhelm (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia.* Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1977.

GREENBERG, Moshe. *Ezekiel 21–37.* A new translation with introduction and commentary. New York: Doubleday, 1997.

GRYSON, Roger (ed.). *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem (Editionem quintam emendatam).* Stuttgart: Deutesche Bibelgesellschaft; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

JOYCE, Paul M. *Ezekiel:* A Commentary. New York: T & T Clark International, 2009.

LIVERANI, Mario. *Oltre la Bibbia.* Storia antica di Israele. Roma: Editori Laterza, 2003.

LORENZIN, Tiziano. *I Salmi.* Milano: Paoline, 2001.

MAZZINGHI, Luca. *História de Israel:* Das origens ao período romano. Petrópolis: Vozes, 2017.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico.* São Paulo: Paulus, 1984.

MONARI, Luciano. *Ezequiel:* um sacerdote profeta. São Paulo: Paulus, 1992.

ODELL, Margaret S. *Ezekiel.* Macon: Smyth & Helwys Publishing, 2005.

PRIGNAUD, J. Cftorim e Keréstin. *Rivista Biblica,* Bologna, n. 7, p. 215-229, 1964.

RAHLFS, Alfred (ed.). *Septuaginta*. Editio Quinta. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1935. v. 2 (Libri poetici et prophetici).

ROBERTS, Jimmy Jack McBee. *Nahum, Habakkuk and Zephaniah.* Louisville: Westminster/John Konx Press, 1991.

SAUER, G. נקם *nqm*. *In*: JENNI, Ernest; WESTERMANN, Claus (ed.). *Diccionario Teologico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985. v. 2.

SAVOCA, Gaetano. *El livro de Ezequiel.* Barcelona: Editorial Herder; Madrid: Ciudad Nueva, 1992.

SICRE, José Luís. *Com os pobres da terra.* A justiça social nos profetas de Israel. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2011.

SIMIAN-YOFRE, Horacio. *Amos.* Milano: Paoline, 2002.

SOGGIN, J. Alberto. *Il profeta Amos.* Brescia: Paideia, 1982.

WESTERMANN, Claus. *Basic Forms of Prophetic Speech.* Cambridge: The Lutterworth Press, 1991.